

A PREPARAÇÃO DE MILITARES DE ENGENHARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO PARA MISSÕES DE DESMINAGEM HUMANITÁRIA

Francisco Hosken Da Cás^A

RESUMO

Após o Tratado de Ottawa, foram criados diversos programas de assistência à remoção de minas nos países assolados por minas terrestres advindas de conflitos anteriores, a fim de assisti-los na destruição de todos estes artefatos encontrados em seus territórios. O Brasil, signatário deste Tratado, vem participando de alguns desses programas com militares da Arma de Engenharia do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) e do EB. Desta forma, ressalta-se a importância de manter recursos humanos capazes de realizar trabalhos de Desminagem Humanitária (DH), utilizando as técnicas existentes com competência e profissionalismo. Neste sentido, o presente estudo tem por objetivo analisar

a situação atual da seleção e preparação técnica dos oficiais da Arma de Engenharia do EB para Operações de DH. Foi realizada uma revisão bibliográfica baseada em publicações militares, monografias e em artigos e sites disponíveis na Internet, além de uma pesquisa de campo junto aos oficiais e sargentos que participaram dos programas de DH. Os resultados indicam que existe a necessidade de revisão de alguns aspectos da seleção e preparação dos militares designados para estas missões.

Palavras-chave: Missão de paz, Desminagem humanitária e Militares - seleção e preparação.

RESUMEN

Después del Tratado de Ottawa, fueron creados diversos programas de asistencia para la remoción de minas en

países afectados por minas terrestres originadas de conflictos anteriores, a fin de apoyar en la destrucción de artefactos

^A - Mestre Profissional em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2009

que se encontren en sus territorios. Brasil, signatario de este Tratado, participando de algunos de estos programas con militares del Arma de Ingeniería del Cuerpo de Fusileros Navales y del Ejército Brasileño (EB). De esta forma, se resalta la importancia de mantener los recursos humanos capaces de realizar trabajos de Desminado Humanitario, utilizando las técnicas existentes con profesionalismo y competencia. En este sentido, el presente estudio tiene por objetivo analizar la situación actual de la selección preparación técnica de los oficiales del Arma de Ingeniería del EB para Operaciones de Desminado

Humanitario. Fue realizada una revisión bibliográfica con base en publicaciones militares, monografías y artículos, así como sitios disponibles en la Internet, además de una investigación de campo con oficiales que participaron de Programas de Desminado Humanitario. Los resultados indican que existe la necesidad de una revisión de algunos aspectos de la selección e preparación de los militares asignados para estas misiones.

Palabras clave: Misión de paz, Desminado humanitario e Militares - selección e preparación.

1 INTRODUÇÃO

O mundo, após o final da Segunda Guerra Mundial, vem passando por um processo de mudanças que se intensificou nos últimos anos, alterando drasticamente o cenário internacional em todas as áreas do poder. Nessa conjuntura, as Forças Armadas, em todos os países, percebem novas possibilidades e formas de emprego.

As chamadas operações de não-guerra cresceram de importância e

intensificou-se a implementação de atividades conjuntas em colaboração a Organismos Internacionais, principalmente em Operações de manutenção da Paz. Essas operações são ferramentas eficazes a qualquer nação que anseie projetar poder e melhorar sua imagem, especialmente pela oportunidade de demonstrar o valor e a liderança de seus militares, além de sua preocupação humanitária. Com

efeito, participar destas missões é um passo natural ao país que visa ser protagonista no atual cenário internacional.¹ Dessa forma, o emprego de Forças Armadas tende a se intensificar nessas operações no século atual.² O Brasil, por sua privilegiada situação geopolítica, enquadra-se como uma destas nações. Tal assertiva está configurada em diretriz política, expressa na Política de Defesa Nacional, contemplando a participação das Forças Armadas em missões de paz. Assim, o País tem enviado muitos militares e mesmo contingentes a missões em vários países ou regiões, como Angola, Timor Leste, Haiti etc.

Os últimos conflitos mundiais deixaram sequelas em vários países, destacando-se os inúmeros campos minados, ainda ativos, e milhares de artefatos explosivos não detonados. Ao término destes confrontos, diversas áreas ficaram impróprias para o trânsito e para a realização de atividades produtivas (agricultura, pecuária etc), dificultando, sobremaneira, o adequado desenvolvimento.

Agrava-se ainda esse quadro com o inevitável retorno da população civil às áreas afetadas, forçada a utilizar as

terras para a sua sobrevivência, o que quase sempre resulta em morte ou mutilação. Estima-se que exista cerca de 1 bilhão de minas lançadas e armazenadas em todo o planeta.³ A cada mês mais de 2 mil pessoas são mortas ou feridas por detonação de minas.

No Camboja, por exemplo, de 4 a 6 milhões de minas terrestres foram enterradas entre 1970 e 1990 durante conflitos internos. Com o ritmo de trabalho atual, aquele País levará quase 100 anos para ser limpo. Estima-se que sejam necessários US\$ 33 bilhões e 1100 anos de trabalho para limpar todas as áreas minadas no mundo, com a tecnologia corrente.⁴

Por meio de ações de Desminagem Humanitária(DH), esse quadro vêm sendo amenizado, por intermédio do emprego das Forças Armadas. Além disso, ao lado de outros acordos, o Tratado de Ottawa implicou resposta à comunidade internacional quanto a letalidade indiscriminada que a disseminação de minas terrestres vinha causando a certos países e suas populações, como o Camboja, Angola, Nicarágua e mais 79 países reconhecidos como afetados pelo

problema.⁵

Em 1997, com a assinatura da Convenção de Ottawa, 141 países se comprometeram a não mais usar, desenvolver, produzir, adquirir, armazenar, manter ou transferir a quem quer que seja, direta ou indiretamente minas AP e a destruir ou assegurar a destruição de todas as minas AP armazenadas, demonstrando o firme propósito de não mais usarem tais armas em combate e colaborarem com a total desminagem do Planeta. Porém, alguns dos principais países produtores de minas AP, entre os quais os EUA, a Rússia, a China, a Índia e o Iraque, não são signatários e, ainda hoje cerca de 240 milhões de minas AP ainda permanecem nos arsenais de diversas nações.⁶ Além disso, a Convenção de Ottawa apresenta uma significativa deficiência, pois não foram previstos mecanismos de controle e verificação do estágio de cumprimento pelos estados-membros e nem sanções internacionais em casos de violação.⁷

Atualmente, o emprego da desminagem pode ser realizado de duas formas bem distintas: a desminagem em combate, onde a prioridade é a rapidez e a DH, onde se busca a máxima

segurança.⁸ Existem inúmeros modelos de operações internacionais de DH bem sucedidas, entre eles, destaca-se o desenvolvido pela Missão de Assistência para Remoção de Minas na América Central (MARMINCA), cujas atividades se iniciaram em 1991 e perduram até hoje, com participação de grande número de militares brasileiros da Arma de Engenharia na Costa Rica, Guatemala, Honduras e Nicarágua.⁶

Nessas missões, o militar brasileiro designado convive e trabalha diuturnamente com militares e civis das mais variadas condições socioeconômicas e de diversas nações americanas. Ali são exercidas funções de extrema responsabilidade e que serão abordadas neste estudo. Estes cargos exigem do participante um conhecimento técnico extremamente apurado, em virtude da alta periculosidade da atividade e da grande responsabilidade de bem representar a Nação Brasileira. Com efeito, ao analisar os fundamentos anteriormente descritos, verifica-se o quanto é fundamental investir numa eficaz preparação técnica dos militares enviados a estas missões.

No sentido de analisar a preparação dos militares para executar

trabalhos de DH, foi formulado o seguinte problema: o EB prepara adequadamente os militares de Engenharia para participar de missões de DH?

Foram formulados os seguintes objetivos específicos: descrever as principais atividades desenvolvidas pelos militares nas missões de DH; descrever como é a seleção e preparação atual dos militares selecionados para as missões

de DH; realizar entrevistas exploratórias com participantes de missões de DH a fim de verificar as possíveis deficiências na preparação e elucidar, baseado em suas experiências pessoais, aspectos relacionados à seleção e à preparação de pessoal para essa atividade; e concluir acerca de como as atividades de seleção e preparação influenciam o desempenho dos militares participantes dessas missões.

2 METODOLOGIA

Quanto à natureza, esta pesquisa pode ser classificada como aplicada, pois acredita-se que os resultados obtidos sejam úteis e levados em consideração, para o aperfeiçoamento do processo de seleção e preparação de pessoal para missões de DH. Quanto à forma de abordagem do problema, a pesquisa foi quantitativa, pois todos os indicadores foram quantificados por intermédio de um questionário, remetido a especialistas em DH, para posterior classificação e análise, usando-se recursos estatísticos.

Na intenção de se obter uma visão mais ampla possível da problemática, a pesquisa realizada é

descritiva, almejando-se aumentar os conhecimentos sobre as características e a magnitude do problema proposto. Também pode ser considerado um estudo bibliográfico, pois se desenvolveu a partir de material já elaborado, como livros de referência, manuais, revistas e artigos científicos; e de campo ou levantamento, sendo complementado pela opinião de pessoas qualificadas, submetidas a uma análise quantitativa.

A seleção das fontes de pesquisa foi baseada em publicações de autores de reconhecida importância no meio acadêmico, em artigos veiculados em periódicos internacionais, em sítios da rede mundial de computadores e na

legislação nacional afim.

Com relação às dimensões da variável independente “*processo de seleção e preparação*”, pretende-se abordar as atividades de DH, além da seleção e adestramento do pessoal que irá cumprir esse tipo de missão. Dentre as várias dimensões da variável dependente “*desempenho dos militares*”, deve ser entendido como o comportamento do militar brasileiro em missões de DH e sua eficiência nestas operações, em seus aspectos técnicos.

O estudo foi limitado aos militares da Arma de Engenharia do EB que participaram de missões internacionais de DH e que têm, portanto, experiência nesta atividade. Esses militares participaram, além da MARMINCA, da MARMINAS (Peru e Equador) e do Grupo de Monitores Interamericano (Colômbia).

O método de procedimento que permitiu assegurar a objetividade e a precisão do estudo fundamentou-se na aplicação de um instrumento de coleta de dados, um questionário, predominantemente estatístico. Coerente com essa premissa, foi utilizado um questionário de opinião, enviado por meio de correio eletrônico aos militares

limitados acima.

Nesse questionário, foi utilizado o escalonamento tipo “Likert” com cinco respostas, a saber: “concordo plenamente”, “concordo”, “indiferente ou indeciso”, “discordo” e “discordo plenamente”. Estas cinco respostas deram origem a uma escala numérica de um (discordo plenamente) a cinco (concordo plenamente) pontos que facilitou o tratamento estatístico. Além destas respostas, foi apresentada a opção “não sei responder” que recebeu o código zero na escala numérica, de forma a se evitar a consideração de dados errôneos apresentados pelo informante, por desconhecimento do assunto específico em questão.

Antes da coleta de dados de campo e visando à compreensão das perguntas pelos sujeitos, foi efetuado o pré-teste por intermédio do envio do questionário para 5% da amostra, solicitando críticas referentes à adequação e à clareza. De acordo com a referida tabulação, foi aplicado o teste Qui-Quadrado (χ^2), para rejeitar ou não, dentro de cada uma das proposições, a hipótese onde a diferença entre as quantidades de respostas favoráveis (“concordo plenamente” ou “concordo”) e

desfavoráveis (“discordo plenamente” ou “discordo”) não ocorra por conta de fatores relevantes e não reflita realidades distintas.

As respostas “indiferente ou indeciso” e “não sei responder” foram ignoradas na aplicação do teste e como as respostas foram reunidas em dois grupos (respostas favoráveis e desfavoráveis), o grau de liberdade (GL) computado foi 1 (um). O risco de erro (α) máximo considerado foi de 0,025 (2,5

%), de forma que o χ^2 acima do χ^2 crítico (5,024) representa que a hipótese, onde a diferença entre o número de respostas favoráveis e desfavoráveis ocorreu por mero acaso, pode ser rejeitada.

Para a conclusão deste trabalho, de posse dos resultados da pesquisa de campo, os dados foram interpretados, generalizados e analisados dentro de cada questão e serviram de base para a solução da problemática e elaboração da discussão final.

3 RESULTADOS

A seguir, serão abordados os principais conceitos relativos à DH, tais como atividades desenvolvidas e principais funções desempenhadas pelos militares brasileiros; e a preparação desenvolvida pelo EB para estes militares.

3.1 A DESMINAGEM HUMANITÁRIA

A desminagem humanitária é o componente central da ação contra minas terrestres e cobre a gama de atividades que visam à remoção de minas terrestres e destruição de artefatos explosivos falhados. Estas

atividades englobam as técnicas de sondagem técnica, mapeamento, sinalização, levantamento ou limpeza, certificação de limpeza e liberação de áreas, além da ligação com as comunidades afetadas.⁸

3.1.1 Atividades da desminagem humanitária

As IMAS regulam, com base na Convenção de Otawa, todos os órgãos que executam a DH no mundo. Essas normas contêm procedimentos padronizados sobre medidas de segurança, responsabilidades e

aspectos técnicos das atividades previstas e servem de referência para a confecção de manuais operativos em diversos programas de DH, como, por exemplo, o “Manual de Procedimentos Operativos para a DH” (MPODH), da MARMINCA. No MPODH estão claramente definidas as condições básicas necessárias ao início do trabalho diário. Caso alguma das exigências não seja cumprida não haverá desminagem, enquanto não houver a solução do problema.

As atividades da DH, considerando aquelas em que geralmente são empregados militares do EB, compreendem as seguintes fases (estudos): Nível I (abrange as atividades que determinam a existência de áreas suspeitas da ocorrência de minas); Nível II (incluem os trabalhos que visam balizar os limites da área minada por meio de mapeamento e sinalização); e Nível III (engloba as técnicas de desminagem manual, técnica de detecção canina e técnica de desminagem com equipamento pesado, além da certificação dos locais onde foram realizadas as limpezas de campos minados).

Além disso, coexistem outras

atividades que compõem os programas de DH nos países afetados, tais como a sensibilização da população quanto à periculosidade do manuseio de minas, o auxílio na reinserção dos mutilados por minas no mercado de trabalho, dentre outras. Estes trabalhos, por não ter uma significativa participação de militares brasileiros, serão desconsiderados neste estudo.

3.1.2 Técnicas de desminagem

Nas atividades de desminagem são utilizadas diversas técnicas para a limpeza de campos minados, sendo as mais empregadas, e portanto objeto deste estudo, a técnica de desminagem manual(TDM), técnica de desminagem canina(TDC) e técnica de desminagem com equipamento pesado(TDEP).

A TDM é a técnica de DH mais empregada no mundo, devido à sua grande versatilidade, ao pequeno custo de implantação, à possibilidade de ser empregada em qualquer tipo de terreno, à menor influência das condições meteorológicas e à grande oferta de pessoal militar apto à sua realização.⁹ Embora seja lenta, a TDM determina com segurança a posição da mina, por

meio do uso da ação humana, de detectores de minas, marcadores, bastões de sondagem e de colheres de pedreiro.⁶ A equipe básica para sua execução é a esquadra TDM, que é composta por: 01 chefe de esquadra; 02 detectoristas (01 substituto); 02 sondeadores (01 substituto); 01 explosivista; e 01 paramédico.

A TDC trata-se basicamente de uma técnica diferenciada de detecção, pois a desminagem é feita de modo semelhante à TDM. Os cães localizam as minas pelos odores emanados do explosivo das minas e não pelo componente metálico, permitindo, assim, que a TDC possa ser empregada em áreas com grande quantidade de metais no solo, ou próximas de estruturas metálicas.

O emprego da TDC torna-se impeditivo em áreas que impossibilitam a visibilidade do guia para o cão; após a incidência de grandes chuvas; em terrenos muito inclinados; quando as condições do tempo e terreno estejam extremamente secas; e quando as minas estejam a uma profundidade superior a 12 cm. Em observação realizada pelo autor, foi verificado que um bom emprego para aplicação dos cães na DH

acontece na etapa do controle de qualidade. Devido ao ritmo lento de trabalho e a grande quantidade de restrições ao seu emprego, esta técnica tem uma utilização secundária na DH.⁹

A desminagem utilizando a TDEP é realizada por máquinas ou veículos adaptados a diversos sistemas mecânicos para a remoção de minas. Esta técnica demanda uma menor quantidade de pessoas do que as outras e pode ser empregada em conjunto com as demais. Existem inúmeros equipamentos destinados a esse fim. A equipe da TDEP é composta de Operadores de Equipamento Pesado, paramédico e uma esquadra TDM. As condições ideais para emprego da TDEP seriam: em terrenos mineralizados; em campos de minas que ocupem áreas extensas; e a fim de atender emergências ou denúncias.¹⁰

3.1.3 Funções desempenhadas por militares brasileiros

Os militares brasileiros podem desempenhar diversas funções nas missões de DH, que exigirão diferentes graus de responsabilidade e conhecimento.

A função de chefe é a de maior responsabilidade, sendo normalmente desempenhada por um Oficial superior com o curso de Comando e Estado-Maior. Suas principais atribuições são: conduzir as atividades dos membros de uma missão militar de DH; zelar pelas boas relações interpessoais entre os integrantes da missão, pessoal civil de apoio à missão e pessoal da Organização de Desminagem do país receptor; dentre outras.

Os oficiais designados para a função de Oficial de Estado-Maior poderão ocupar os cargos de oficial de pessoal, de operações e de logística. Tais funções possuem as mesmas características das desempenhadas em um Estado-Maior de qualquer OM.

O militar designado para a função de Coordenador de frente será o responsável pela coordenação de todas as operações de DH desenvolvidas em uma determinada frente de trabalho, além de desempenhar a função de supervisor. Também é responsável pelo planejamento de atividades como inspeções nos equipamentos, reuniões com supervisores e chefe da organização de desminagem, e pelos procedimentos administrativos e

logísticos relacionados aos seus supervisores. Constitui-se o imprescindível elo entre os supervisores e o comando da missão.

Já a função de supervisor internacional objetiva orientar e supervisionar as operações executadas por uma equipe de desminagem, exigindo o correto cumprimento das normas internacionais para a DH e elaborando o informe diário de supervisor para posterior envio ao Coordenador de sua frente de trabalho. Durante o desempenho de sua função deve estar a todo momento preocupado com a segurança de todas as pessoas envolvidas nas operações. Por fim, o monitor tem como atribuição orientar e monitorar as operações de desminagem conduzidas pelos supervisores do país receptor, exigindo o correto cumprimento das normas de DH, sem, portanto, assumir a responsabilidade pelo que observa.

3.2 SELEÇÃO E PREPARAÇÃO DOS MILITARES DO EB PARA MISSÕES DE DH

3.2.1 Requisitos para seleção

Os requisitos necessários para a seleção dos militares do EB para qualquer missão no exterior são regulados pelas Instruções Gerais para as Missões no Exterior (IG 10-55). Neste documento estão listados os procedimentos que irão pautar a seleção de um grupo de militares que estejam qualificados para desempenhar em melhores condições uma missão de DH. Neste sentido, a IG 10-55 estabelece em seu Art Nr 8, que aqueles militares não devem estar sub-judice; na data do início da seleção, não estarem em gozo de licença de qualquer natureza; terem obtido, no mínimo, menção "bom" ou grau "seis" nos cursos considerados para a missão; não serem contra-indicados, por qualquer motivo, para missões no exterior, com base em informações oficiais; serem credenciados no(s) idioma(s) exigido(s) para o cumprimento da missão; ser considerado apto em inspeção de saúde para a missão prevista, observadas as mesmas condições exigidas na inspeção para promoção; dentre outros requisitos.¹¹

Além desses requisitos, o Comandante do Exército pode incluir outros critérios a fim de atender às exigências de uma determinada missão,

como por exemplo, o militar falar outro idioma além do necessário para a missão. No caso da seleção de militares para missões de DH, pela atividade que é realizada e pela qualificação no manuseio com minas e destruições, o universo deve ser composto somente por militares da Arma de Engenharia.

3.2.2 Seleção dos militares

Os militares que se encaixam nos critérios listados acima passam para próxima e última fase da seleção, que é definida pela escolha propriamente dita do contingente a ser enviado. A Seção II das IG 10-55 estabelece para essa fase que após a determinação do Universo Inicial de Seleção (UIS) pelo Comandante do Exército, o processamento da seleção do pessoal para missões no exterior desenvolve-se em duas fases: fase preparatória, atribuída ao DGP; e fase decisória, a cargo do Gab Cmt Ex. A fase preparatória inclui a análise do UIS, compreendendo o relacionamento dos militares que satisfazem a todos os requisitos fixados por ordem de mérito; a definição do Universo Final de Seleção (UFS) com base no UIS, na proporção

de cinco militares para a primeira vaga e mais três para cada vaga subsequente, sempre que aquela relação assim o permitir; a solicitação das Fichas de Informações do Comandante (FIC) relativas aos militares integrantes do UFS; dentre outros.

Já a fase decisória compreende o levantamento do Perfil dos militares integrantes do UFS e dos registros destes no CIE e no DGP; a preparação final do processo, no Gab Cmt Ex; e a decisão do Comandante do Exército.¹¹

3.2.3 Preparação dos militares selecionados

Encerrada a decisão do Comandante do Exército, todos os interessados são informados e inicia-se a fase de preparação dos militares. Essa preparação envolve diversas atividades, tais como: abertura de conta corrente no exterior; estágio de idioma espanhol no CEP (de caráter voluntário); desligamento do militar da OM à qual pertence; e a realização do Estágio de Preparação para Missões de DH (EPMDH) na EsIE, onde é feita a preparação específica dos militares.

O EPMDH desenvolve-se em duas semanas e tem por objetivo

“habilitar o Oficial a utilizar-se da técnica de desminagem e explosivos, capacitando-o a integrar equipes designadas para MARMINCA, MARMINAS ...”.¹² Os assuntos ministrados são: armadilhas e acionadores; explosivos e destruições; primeiros socorros; operações de paz; desminagem em operações de paz; minas; campos de minas; lançamentos de campos de minas; atuação em área minada; levantamento de área minada; equipamento de levantamento de minas; detecção e remoção; técnicas de abertura de trilhas e brechas; e detecção imediata. Estas matérias constituem-se no conhecimento básico de DH aplicável a qualquer trabalho em qualquer parte do mundo, necessitando tão somente do ajuste de detalhes à área onde se irá atuar.¹²

Dessa forma, termina a preparação dos militares conduzida pelo EB. Quando o militar chega ao país onde cumprirá sua missão, normalmente é realizado um curso que tratará dos procedimentos técnicos específicos do local. Vale ressaltar que a idéia da realização desse curso veio da necessidade de nivelar conhecimentos específicos da DH, fruto da composição

heterogênea de nações que formam o contingente da missão.

No caso da MARMINCA, existe o Curso de Operações Anti-minas para Monitores/Supervisores Internacionais, que é composto por aulas teóricas e práticas. Parte-se do princípio que os militares assignados para a MARMINCA já possuem conhecimento técnico em minas e explosivos, sendo este um pré-requisito para a convocação.¹³

Durante o curso são ministradas aulas sobre diversos assuntos, tais como: atividades e procedimentos administrativos da MARMINCA; IMAS e suas relações entre os documentos utilizados na Missão; técnicas de detecção; detalhes das minas e engenhos encontrados na área operacional; aspectos gerais da organização da área de trabalho e a constituição da equipe TDM, assim como os procedimentos e responsabilidades de cada um; identificação dos aspectos técnicos particulares de desminagem; controle de qualidade; primeiros socorros e o estudo da cadeia de evacuação médica; e o trabalho do Supervisor Internacional.¹³

3.3 AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO

DOS OFICIAIS DE ENGENHARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO ACERCA DA SELEÇÃO E PREPARAÇÃO DE MILITARES DO EB PARA MISSÕES DE DH

Através da pesquisa bibliográfica foram apresentados os conceitos sobre DH, mostrando sua importância no contexto mundial. Além disso, foram levantados os processos de seleção dos militares designados para essas missões e como é executada a preparação destes para desempenhar as funções exigidas nessas missões.

O questionário formulado para este trabalho procurou avaliar diversos aspectos relacionados a seleção e preparação de militares para missões de DH, sob a ótica de Oficiais de Engenharia do EB que participaram de atividades dessa natureza. A pesquisa de campo foi elaborada de forma mista, com questões fechadas, baseadas na escala tipo Likert, particularmente nas suas variações como a escala de importância e a escala de avaliação. Foram encaminhados, em abril de 2009, e respondidos por 40 militares que participaram de uma missão internacional de DH.

Na primeira parte do instrumento, foram realizadas perguntas fechadas, abordando aspectos sobre seleção e preparação de militares para missões de DH. As questões de 1 à 6 estavam relacionadas aos aspectos da seleção, e as de 7 à 22, conexas a preparação.

A segunda parte do questionário

foi composta pelas questões de 23 a 28 que procuraram elucidar algumas questões que necessitavam um entendimento melhor da primeira parte deste instrumento, sendo a última, aberta para que o questionado pudesse expressar sua opinião acerca do assunto.

4 DISCUSSÃO

Os resultados obtidos pela revisão de literatura constataam a importância da DH no contexto mundial e o quanto a participação de militares brasileiros favorece aos interesses políticos brasileiros. Nesse sentido, o desempenho desses militares é essencial para a imagem do Brasil perante outras nações, no qual está diretamente relacionado à seleção e preparação de pessoal para a atuação em missões de DH.

Dessa forma, segundo a análise dos resultados, foi levantado que para a seleção do pessoal para essas missões, cerca de 90% dos sujeitos da amostra consideram que os militares devem ser escolhidos pelo Gab Cmt Ex dentre todos os “de carreira” do EB; nos respectivos postos e graduações; e de

acordo com as funções que serão desempenhadas na missão.

A realização da seleção do pessoal pelo Gab Cmt Ex tem como grande vantagem a procura dos militares mais capacitados no universo EB, levando-se em consideração os critérios julgados essenciais para o cumprimento da missão. Destaca-se, ainda, que a criteriosa seleção realizada por aquele órgão está diretamente ligada aos excelentes resultados obtidos pelo Brasil nessas missões. Pode-se afirmar, também, que tal resultado se justifica pela diferença entre a formação dos militares “de carreira” e dos temporários; e que os militares da Arma de Engenharia são os mais aptos a exercer com eficiência as atividades de DH, pois possuem em sua formação grande

parcela de sua carga horária de instrução destinada a assuntos correlatos. Além disso, existe um consenso entre os países que enviam militares para missões desta natureza de somente designar engenheiros.

Na análise do resultado do gráfico 1, considerando o universo dos oficiais, pode-se afirmar que para exercer as funções de supervisor e monitor os questionados acreditam em sua maioria

que o curso de formação da AMAN habilita o militar ao desempenho eficiente destes cargos. A amostra em tese considera que para funções de Coordenador e Oficial de Estado-Maior, por exigirem maior capacidade de planejamento e organização, além de serem normalmente exercidas por oficiais mais antigos da missão, é necessário que o oficial possua o curso da EsAO. Em virtude da grande

responsabilidade na condução das operações de DH e no trato com representantes do governo ou militares com altos níveis hierárquicos, os questionados acreditam em sua maioria que o militar mais apto para exercer o cargo de Chefe da Missão tenha o Curso da ECEME. No círculo dos praças, a maioria das respostas não os consideram no desempenho das funções de Chefe, Oficial de Estado-Maior

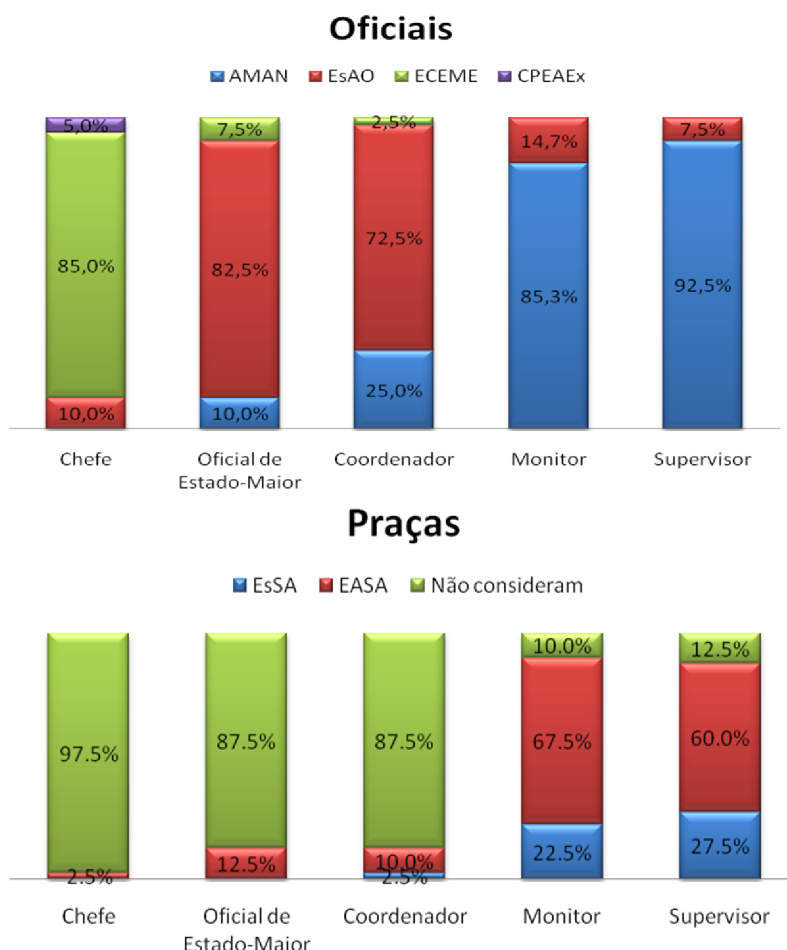


Gráfico 1: Nível de formação mínimo que é exigido para o desempenho eficiente das funções existentes em missões de DH na opinião dos questionados.

e de Coordenador. Já para as funções de Monitor e Supervisor, prevalece a assertiva de que seja necessário, no mínimo, ter o curso da EASA.

Quase a totalidade dos questionados afirmou que os militares selecionados devem estar credenciados no idioma local do país onde se desenvolverá a missão. Nesse sentido, o domínio do idioma oficial da missão ou do país onde ela ocorre é essencial, sendo fundamental para segurança de todos. Em contrapartida, parte da amostragem opinou que apenas a realização do estágio de idiomas, com duração de dois meses, conduzido pelo CEP seria suficiente para a adequada comunicação nos países cujo idioma seja o espanhol, podendo, dessa forma, englobar, na seleção, profissionais de excepcional desempenho que não estejam habilitados no idioma requerido.

Analisando o gráfico 2, pode-se afirmar que 62 % dos participantes da amostra acreditam que o chefe da missão deve possuir o nível “A” no

credenciamento lingüístico, em virtude na necessidade de apresentar fluência no idioma da missão, permitindo comunicar-se de forma clara e organizada, com integrantes do governo local e de diversas organizações, e militares de outros países.

Para as funções de estado-maior pode-se afirmar que 68% dos participantes da amostra acreditam que devem possuir o nível “B”, o que é justificado pelo fato do militar exercer, em grande parte do tempo, atividades administrativas, nas quais é corrente apenas o conhecimento lingüístico oral básico. As outras funções apresentaram valores semelhantes favoráveis ao nível “B”, justificado pela necessidade desses militares apresentarem um conhecimento básico para a eficaz comunicação com o pessoal diretamente envolvido na missão, como por exemplo, sapadores e supervisores de outros países.

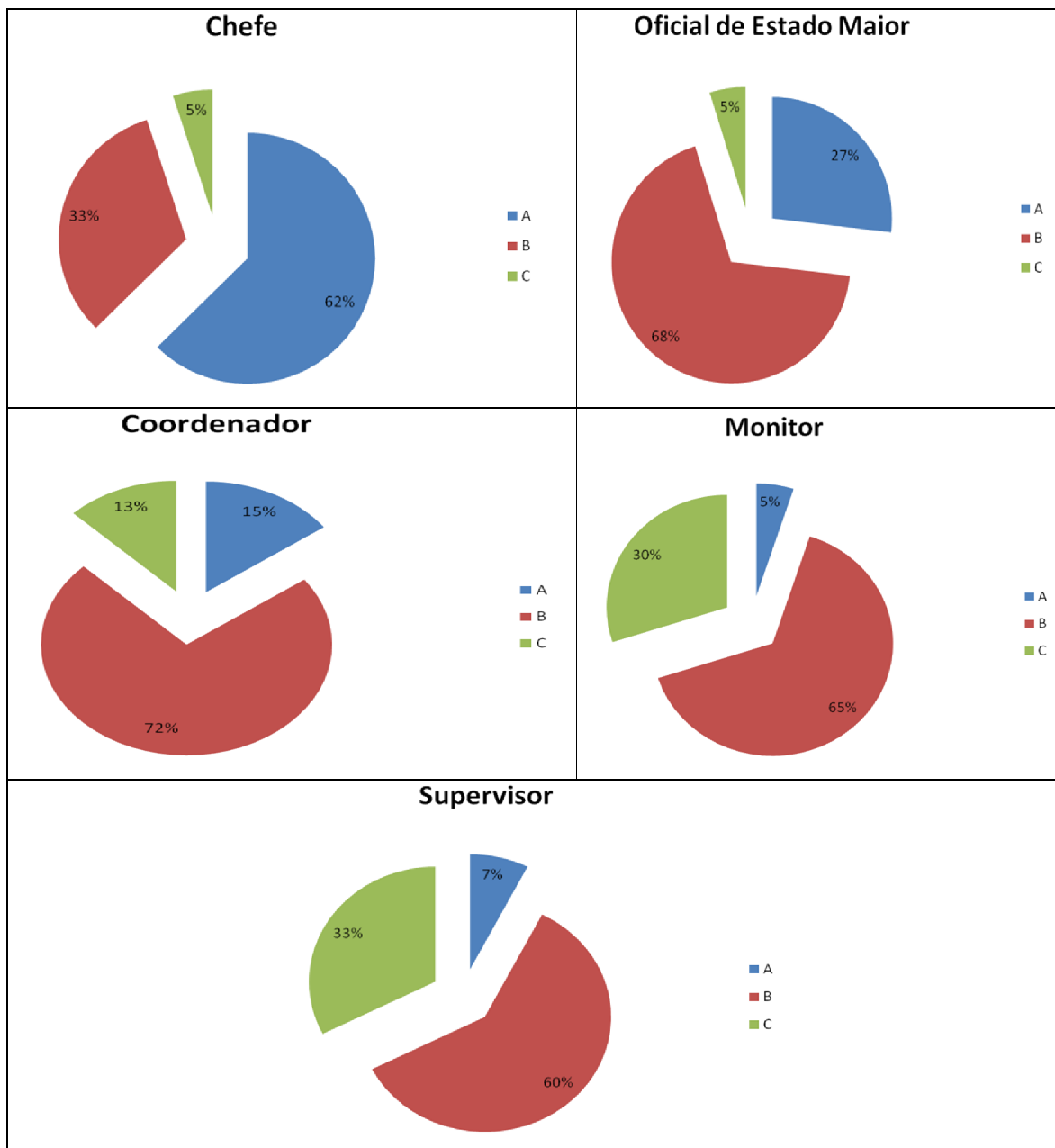


Gráfico 2: Nível de habilitação em idiomas exigido para a seleção dos militares de acordo com as funções que serão desempenhadas, na opinião dos questionados.

Em missões de DH, os campos minados estão localizados em regiões montanhosas e em áreas de difícil acesso para veículos, exigindo longas e extenuantes caminhadas. Nesse sentido,

quase a totalidade da amostra considera que o militar selecionado deve estar em boas condições físicas (menção mínima “B” no último TAF, realizado pelos militares antes da seleção).

Não houve um consenso entre os questionados pela seleção estar condicionada a conclusão do estágio de desminagem e explosivos na EsIE. Percebe-se que a quantidade de militares concludentes do estágio citado é pequena e que a grande maioria dos que cumpriram missões de DH não possuía esse estágio. No entanto é aceitável avaliar que o militar possuidor deste estágio esteja melhor preparado tecnicamente para o cumprimento deste tipo de missão.

Grande parte das respostas foi a favor de que as escolas de formação/aperfeiçoamento devem ter em seus planos de disciplina assuntos referentes a este tipo de missão, porém observa-se que cerca de 55% são contrárias para que essas escolas formem o especialista. O resultado obtido nesse item permite avaliar que as escolas de formação e aperfeiçoamento devem ter em seus planos de disciplinas assuntos relativos à DH, apresentados, sumariamente, como conhecimento geral, com a finalidade de padronizar a doutrina de DH no âmbito do EB. As matérias referentes à desminagem devem abranger somente a vertente operacional.

Cerca de 80 % dos sujeitos da amostra consideram que o curso preparatório ministrado quando de sua chegada na missão é suficiente para o bom desempenho de suas atividades, pois permite igualar conceitos básicos e padronizar procedimentos específicos dentro de uma determinada missão. A mesma porcentagem da amostra afirmou que os militares selecionados devem ter, além do conhecimento exigido para a função, uma preparação presencial, a cargo do EB, direcionada para a missão. Tal medida implicará na melhoria da capacitação do pessoal designado e, por sugestão apresentada pelos questionados, poderá conter os seguintes assuntos: estágio de idiomas, incluindo o idioma instrumental relacionado à atividade; orientações sobre contra-inteligência; estudo da legislação internacional; estágio de desminagem e explosivos; e uma preparação psicológica para enfrentar situações de risco.

Além disso, 62 % consideram que deve existir uma preparação diferenciada de acordo com as funções que serão desempenhadas durante a missão, porém, pela análise estatística, este valor não foi conclusivo. Alguns

questionados acreditam que a preparação deve ser padronizada para todos os integrantes da missão, independente da função que desempenhará, pois até sua chegada não se sabe exatamente qual função irá exercer e provavelmente haverá rodízios de cargos durante a missão. Outro grupo considerou que deve existir uma preparação de forma individualizada para determinados cargos que serão desempenhados, como a de chefe.

Com relação ao conhecimento da legislação internacional que regula uma missão de DH, quase 80 % não possuía conhecimento acerca do assunto, fato que proporcionou inicialmente certo desconforto a aqueles militares, motivando um correspondente estudo autodidata. A maioria dos militares apontou que a falta de um órgão, responsável por centralizar as experiências ou mesmo uma preparação direcionada, concorreu para o desconhecimento daquela legislação. Cerca de 60 % da amostra concorda que, após a seleção, teve acesso a documentos ou qualquer tipo de informação acerca de experiências anteriores, grande parte, por iniciativa de militares que já participaram de missões

afins ou por intermédio de palestras, proferidas por alguns deles durante o EPMDH. Verificou-se, também que após o término da missão, 80 % consideram necessário o conhecimento prévio da legislação internacional para o bom desempenho durante a missão.

O intercâmbio entre nações amigas, por intermédio de realização de cursos, estágios e seminários relacionados ao tema e a realização de cursos ou estágios afins por militares brasileiros em outros países proporcionará benefícios para o aprimoramento da correspondente doutrina, conforme opinião de grande parte dos questionados. Estes consideram imprescindível a troca de informações entre países que desenvolvem essa atividade para o aperfeiçoamento da doutrina no EB.

A maioria da amostra afirmou que a criação ou definição de um órgão responsável pelo aproveitamento das experiências colhidas, desenvolvimento de doutrina e realização de cursos e seminários aprimorará a preparação de pessoal para as missões de desminagem, pois carecem ou inexistem documentos de desminagem produzidos no Brasil, aproveitando as experiências e

registrando as melhores práticas. Os resultados inferem que a implantação de um órgão com essas atribuições certamente proporcionará um incremento na evolução da doutrina de DH, colaborando sobremaneira para que o Brasil torne-se referência mundial no assunto. Cerca de 85 % dos sujeitos da amostra acreditam que a realização de cursos ou estágios relacionados ao tema, conduzidos pelo aludido órgão, para militares de nações amigas, trará benefícios para o aprimoramento da doutrina relativa à DH. Em contrapartida, não houve um consenso em relação a proposição de que os cursos ou estágios

desenvolvidos por este órgão devem somente ser destinados aos designados para este tipo de missão. Estes cursos poderiam ser destinados a todos oficiais e sargentos da Arma de Engenharia, como forma de manter um quadro de pessoal especializado nessa área e para completar um efetivo mínimo para o funcionamento adequado dos cursos. Salieta-se que a realização destes cursos ou estágios não deveria ser condição obrigatória para uma futura seleção, apenas permitiria dispensar o militar designado repeti-lo ou facilitaria uma atualização.

No gráfico 3, verifica-se que caso

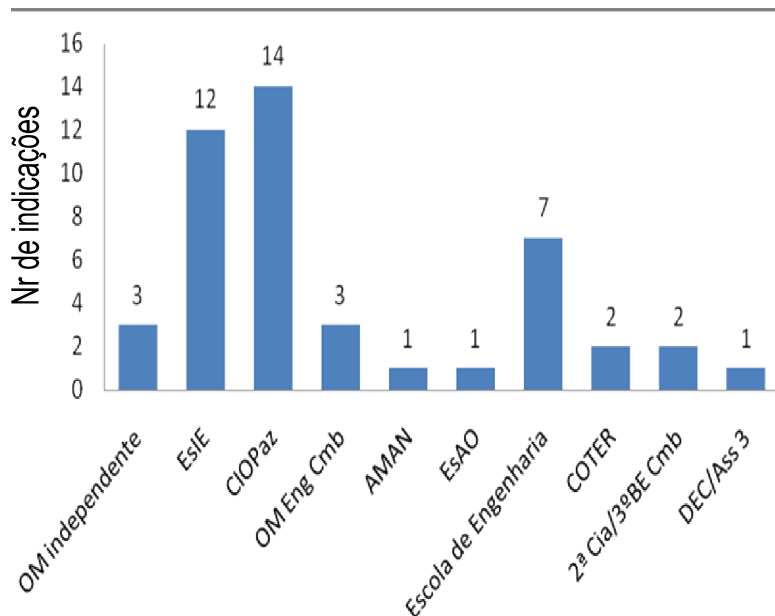


Gráfico 3: Local onde o órgão responsável pelo aproveitamento das experiências colhidas, desenvolvimento de doutrina e realização de cursos sobre DH será criado, na opinião dos questionados.

o órgão responsável pelo aproveitamento das experiências colhidas, desenvolvimento de doutrina e realização de cursos seja criado ou definido, existem 14 respostas positivas para o CIOPaz. Dessa forma, aproveita-se a estrutura ali já existente e a disponibilidade de experiências adquiridas em outros tipos de missões internacionais.

A EsIE foi citada 12 vezes. Acredita-se que os questionados consideraram viável o aproveitamento da estrutura do estágio de desminagem e explosivos e do EPMDH para criação desse órgão. Porém alguns militares afirmaram que a EsIE, por sua complexidade ao conduzir inúmeras atividades distintas (cursos de formação e aperfeiçoamento de sargentos; cursos de especialização e extensão para oficiais e sargentos; e diversos estágios), não seria a mais indicada para desenvolver o aperfeiçoamento da doutrina de DH no EB.

Não houve um acordo entre as respostas dos entrevistados a respeito da proposição que a aprovação (mínimo nível C) no credenciamento em idiomas pelo CEP é suficiente para o bom desempenho durante a missão. Eles acreditam que seja imprescindível um conhecimento mais profundo do idioma oficial da missão, tendo em vista a necessidade de uma correta comunicação no idioma em tese. Em contrapartida, outros acreditam que seja necessário apenas o conhecimento básico do idioma, alcançado pela habilitação em idiomas no nível “C”.

Cerca de 70% da amostra

acredita que a realização de um estágio de idiomas no CEP antes da missão e o estudo de idioma instrumental afim é importante para o desempenho durante o trabalho. No entanto, outros questionados acreditam que seja necessário apenas o conhecimento do idioma alcançado apenas pelas habilitações nos níveis existentes. O resultado apresentado não caracteriza a proposição como totalmente verdadeira, mas é aceitável avaliar que o militar que realiza esse estágio esteja melhor preparado. Além disso, como nesse tipo de missão existem termos técnicos específicos e não abarcados pelo aprendizado básico do idioma, acredita-se que aquele que possui o estudo do idioma instrumental característico da DH desempenhe melhor suas atividades.

Pouco menos de 35% dos participantes da amostra avaliam que em muitas oportunidades seu conhecimento foi aproveitado pelo EB. A mesma quantidade de militares considera nulo ou raro o aproveitamento dos ensinamentos colhidos após a missão. O gráfico 4 demonstra em quais situações foram aproveitadas a experiência adquirida na missão de DH.

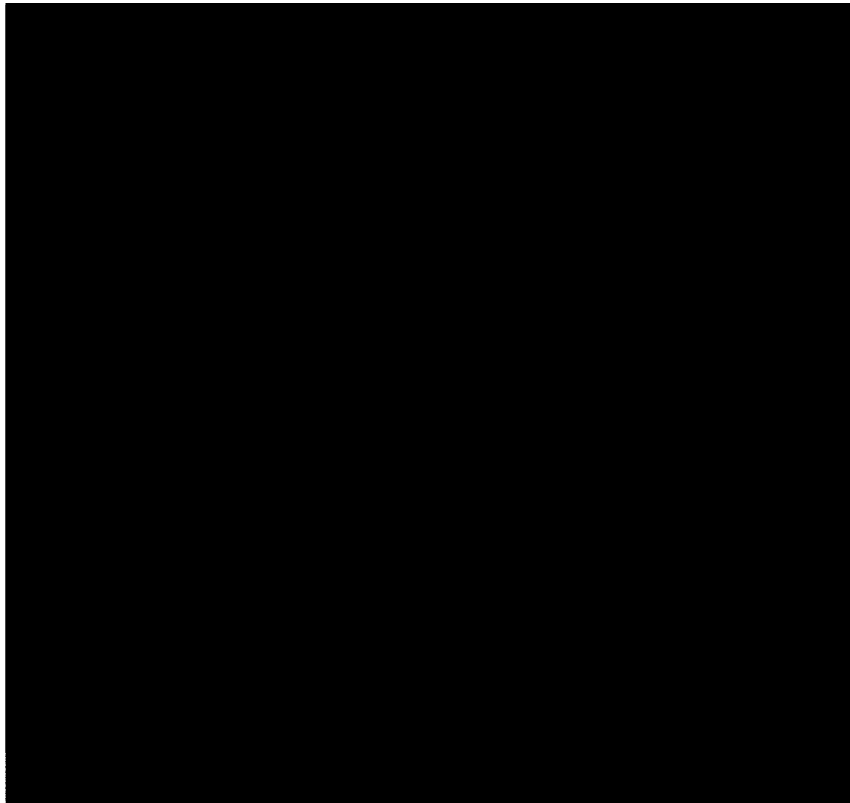


Gráfico 4: Situações em que foram aproveitadas a experiência adquirida na missão de DH, na opinião dos questionados.

5 CONCLUSÃO

Em diversos países do mundo as minas estão interferindo na vida de seus habitantes, trazendo consequências desastrosas para o desenvolvimento daqueles povos. Nesse sentido, as missões de DH, conduzidas por organismos internacionais, aparecem como a única esperança para minimizar os efeitos causados por esse flagelo, particularmente junto à população mais carente.

O Brasil, por seu potencial

geopolítico no mundo, em especial na América Latina e seguindo diretriz da Política de Defesa Nacional, define como objetivo a ser atingido por suas instituições governamentais, aí incluído o EB, o fortalecimento da projeção nacional junto à comunidade internacional. Nesse sentido, suas Forças Armadas, têm enviado militares para diversas missões de DH, tais como MARMINCA, MARMINAS e GMI.

As missões de DH são reguladas

pela ONU, que consolidou um compêndio de normas e diretrizes, denominado IMAS, estabelecendo critérios para o desenvolvimento das correspondentes atividades desenvolvidas. Os militares do EB designados para essas missões são selecionados, com base em critérios específicos e coerentes com a realidade de cada missão e cargos previstos. Após a consolidação do contingente, tem início a fase de preparação individual dos militares, como também a oportunidade de realizar a preparação técnica.

A investigação teve por objetivo geral apresentar como é conduzida a atual preparação desses militares e propor, baseado em observações de participantes de missões desta natureza, as condições necessárias para um eficaz desempenho nas atividades de DH.

A fim de viabilizar a consecução do objetivo geral do estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para levantar e elucidar os principais conceitos e observações relativas àquela atividade, em especial a seleção e a preparação de militares do EB para essas missões. Em seguida, foi elaborado um questionário a ser enviado para militares que trabalharam em missões de DH, o qual

foi respondido por 40 integrantes.

Esses especialistas em operações de DH apresentaram suas opiniões a respeito de algumas proposições, orientados para a busca de soluções de forma a aperfeiçoar o processo de seleção e preparação para essas missões. De forma a compartilhar conhecimentos e com o objetivo de solucionar o problema, foi realizada a análise estatística dos dados obtidos em cada proposição.

Nesse sentido, foi possível concluir que o atual processo de seleção atende plenamente aos fins que se destinam. Os excelentes resultados obtidos pelos brasileiros nestas missões está diretamente relacionada à criteriosa seleção executada pelo Gab Cmt Ex. Ratifica-se, nesta pesquisa, que os militares de carreira da Arma de Engenharia são os mais indicados a integrar tais missões, pois possuem em sua formação matérias específicas relacionadas às missões de DH, além de existir um consenso dos países que enviam militares para missões desta natureza de somente designarem engenheiros.

A seleção deve ser diferenciada pelo nível de formação mínimo que será

exigido para o desempenho eficiente das funções exercidas nas missões de DH. Para isso, o chefe da missão deve possuir o curso da ECEME; e os designados para os cargos de coordenador e oficial de estado-maior o curso da EsAO. Já para as funções de monitor e supervisor, os oficiais precisam ter o curso da AMAN e os sargentos o de aperfeiçoamento da EASA.

Com relação ao domínio do idioma oficial da missão, observa-se que este deve ser diferenciado entre as diversas funções desempenhadas. A de Chefe, com maior responsabilidade de comunicação, requer uma boa fluência oral desde o início da missão. Todos os selecionados devem possuir uma muito boa condição física, em virtude da extenuante jornada de trabalho cumprida naquelas missões.

É ideal que as escolas de formação e aperfeiçoamento do EB estabeleçam em seus planos de disciplina matéria que visa proporcionar noções básicas sobre DH, de modo a padronizar sua doutrina no EB, além de facilitar as futuras preparações dos selecionados e atender possíveis demandas urgentes. Em contrapartida, a formação de especialistas em DH deverá

ser executada em um órgão peculiar por meio de cursos ou estágios específicos.

Observa-se que a maioria dos questionados, quando de sua designação, desconheciam a legislação internacional de DH, pois não tiveram, antes da missão, uma preparação a cargo do EB. Dessa forma, a existência de uma preparação presencial, direcionada para os militares designados, deve ser realizada sempre que possível e de forma comum a todos estes. Sua programação deve conter as seguintes atividades: estágio de idioma e seu vocabulário instrumental, estudo da legislação internacional acerca de DH; estágio de desminagem e explosivos; preparação psicológica para enfrentar situações de risco; dentre outras. Acrescenta-se, ainda, que o militar designado como chefe da missão deve ter em seu preparo, além do conteúdo anteriormente citado, assuntos sobre a análise política da missão e inteligência.

No Brasil, carecem ou inexistem documentos sobre DH aproveitando as experiências e registrando as melhores práticas. Corroborar-se ainda, que a maioria do razoável aproveitamento dessas experiências foi obtida quando os militares, que participaram daquelas

missões, estavam em função de instrutor nas diversas escolas do EB. Deduz-se, de forma geral, que este conhecimento foi disperso, pois fugiam da finalidade maior de tais estabelecimentos. A implantação de um órgão – podendo ser chamado Centro Internacional de DH⁸ - nas Forças Armadas, com essas atribuições, certamente proporcionaria um incremento na evolução aludida doutrina. Com base nas observações dos questionados, convém que seja criado junto ao CIOPaz, aproveitando a estrutura e doutrina ali já existente, ou mesmo, dentro de uma Escola de Engenharia a ser instituída no EB. Ademais das atribuições citadas, este órgão, seria responsável por: ministrar cursos ou estágios de preparação de militares para missões de DH; formar especialistas no assunto; e promover

intercâmbios doutrinários de duplo sentido ou por meio de cursos a militares de nações amigas.

Nesse sentido, tais medidas colaborarão sobremaneira para que o Brasil prepare adequadamente seus militares para missões DH e se torne referência mundial no assunto, dessa forma contribuindo para que consiga atingir seus objetivos de Estado.

Espera-se que a principal contribuição da presente pesquisa seja ampliar o conhecimento existente sobre as operações de DH, por meio da opinião qualificada de militares brasileiros especialistas no assunto, sobre proposições acerca da seleção e preparação de pessoal para tais missões, de forma a fornecer subsídios para que o EB os prepare adequadamente.

REFERÊNCIAS

1. FERREIRA, Luís Augusto Alves Leal. **A preparação técnica dos militares do Exército Brasileiro para missões de desminagem humanitária na América Latina**. 2007. 36 f. Trabalho de conclusão de curso (Aperfeiçoamento em Operações Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2007;
2. CARVALHO, Marcelo Pereira Lima de. **A Engenharia em missões de paz: treinamento técnico do líder da pequena fração de desminagem para missão de paz**. 1998. 44 f. Dissertação (Mestrado em Aplicações Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 1998;
3. Nicarágua. OEA-JID-MARMINCA. **Curso de Desminagem para Supervisores Internacionais**. Manágua. 2007. CD-ROM;

4. BASTOS, Eduardo Henrique da Silva. **Desminagem nas Operações de Paz: a Companhia de Engenharia de Desminagem nas Operações de Paz**. 2003. 79 f. Dissertação (Mestrado em Operações Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2003.
5. ORIFICI, David. **A Guide to Mine Action**. 1ª ed. Geneva: Geneva International Centre for Humanitarian Demining, 2003. 209p;
6. GRALA, Marton Daniel. **O emprego do pelotão de engenharia de combate em desminagem humanitária**. Dissertação (Mestrado em Aplicações Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2005, 29p;
7. VIEIRA, Eduardo Chaves. **O Brasil e os principais tratados, acordos e convenções internacionais de controle de armas e munições**. 1998. 65 p. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1998;
8. GONÇALVES, Hermes Leonel Menna Barreto Laranja. **O centro de desminagem humanitária: um núcleo de excelência na preparação de efetivos para missões de paz**. 2004. 170 f. Dissertação (Mestrado em Operações Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2004;
9. GOMES, OTACÍLIO GIOVANI LAGRANHA. **A utilização das técnicas de desminagem, em missões de paz, empregando equipamento pesado de engenharia**. 2008. 44 f. Trabalho de conclusão de curso (Aperfeiçoamento em Operações Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2008;
10. JUNTA INTERAMERICANA DE DEFESA, **Boletim Técnico 100**; 2007, Washington D. C., USA.
11. BRASIL. Exército. Secretaria Geral do Exército. **Portaria nº 577, de 08 de outubro de 2003**. Aprova as Instruções Gerais para as Missões no Exterior - IG 10-55. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <<http://dcem.dgp.eb.mil.br>>. Acesso em: 02 jul. 2007.
12. BRASIL. Seção de Engenharia. **Relação de Assuntos do Estágio de Desminagem e Explosivos**. Escola de Instrução Especializada. Rio de Janeiro, 2007.
13. ABREU, J. I. G. **Quadro de Trabajo Semanal - XXXVI Curso para Monitores/Supervisores Internacionales**. Escritório da MARMINCA, Manágua, 01 mar 2007.